

Experiência como categoria sociológica: comentários teórico-metodológicos

Experience as a sociological category: theoretical-methodological comments

*Cairo Henrique dos Santos Lima¹ 

Resumo

A categoria experiência aparece na teoria sociológica através de um amplo escopo de recepções, mas sua influência para o surgimento de estratégias analíticas e metodológicas com potencial inovador é perceptível em determinados campos de investigação, sobretudo na área de Sociologia da Cultura. Realizamos um trajeto histórico através do Marxismo britânico, dos Estudos Culturais e dos Estudos Pós-Coloniais – em diálogo com os Estudos de Hip Hop e Estudos da Diáspora Africana. Discutimos aspectos das obras de Edward Thompson (1981), Stuart Hall (2003), Avtar Brah (2006) e Veena Das (2011), salientando suas contribuições para a instrumentalização analítica da categoria experiência em estudos de processos, situações e relações sociais em contextos transnacionais. Argumentamos em favor do reconhecimento da importância da categoria experiência para a análise sociológica, considerando seu caráter denso, opaco e inefável, que contribui para elucidar a complexidade de redes de sociabilidade e cooperação globais na esteira das formações culturais da diáspora africana e do Hip Hop.

Palavras-chave: experiência, hip hop, diáspora africana, estudos culturais, marxismo britânico.

Abstract

The category of experience appears in sociological theory through a wide range of receptions, but its influence on the emergence of analytical and methodological strategies with innovative potential is noticeable in certain fields of research, especially in the area of Sociology of Culture. We take a historical path through British Marxism, Cultural Studies and Postcolonial Studies – in dialogue with Hip Hop Studies and African Diaspora Studies. We discuss aspects of the works of Edward Thompson (1981), Stuart Hall (2003), Avtar Brah (2006) and Veena Das (2011), highlighting their specific contributions to the analytical instrumentalization of the category of experience in studies of processes, situations and social relations in transnational contexts. We argue in favor of recognizing the importance of the category of experience for sociological analysis, considering its dense, opaque and ineffable character, which contributes to elucidating the complexity of

¹ Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Departamento de Sociologia (PPGS-DS/CECH/UFSCar, São Carlos, SP, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9874-8452>.

networks of global sociability and cooperation in the wake of the cultural formations of the African diaspora and Hip Hop.

Keywords: experience, hip hop, African diaspora, cultural studies, British Marxism.

Introdução

No campo da Sociologia da Cultura, os estudos e as análises de processos, situações e relações sociais envolvem compreender como múltiplos códigos, discursos e representações atrelados a formações culturais diferentes ao redor do mundo se entrelaçam em hibridação, influenciando e compondo os modos de vida dos sujeitos e dos grupos sociais – das esferas de ação até a dimensão do imaginário. A elaboração de categorias de pensamento adequadas para expressar a relação analítica entre a base teórica da Sociologia e a realidade empírica constitui um desafio teórico-metodológico quase inesgotável, parcialmente superável e constantemente renovado e ampliado, frente às transformações sociais da contemporaneidade.

Nesse contexto, grupos com base relacional transnacional, tais como os que compõem as formações culturais da Diáspora Africana, amplificam a dificuldade de contemplar a flexibilidade e a instabilidade das relações empíricas em categorias estratégicas, situadas entre a estática rija das estruturas e a dinâmica fluida das ações. Percorrendo esta esteira de desafios, surge, no seio do Marxismo britânico, oriundo dos Estudos Culturais, os Estudos Pós-Coloniais, uma categoria “perdida” ou “ausente” (Thompson, 1981, p. 180), que integra um vocabulário conceitual conectivo e intermediário, capaz de aproximar regiões apartadas do pensamento sociológico e de adensar e sofisticar a análise de fenômenos sociais. Referimo-nos à categoria experiência, e a discussão acerca de seus potenciais analíticos na Sociologia constitui o objeto desta exposição.

Mais especificamente, neste texto² buscamos tecer comentários teórico-metodológicos sobre a pertinência da categoria experiência nos estudos sociológicos de caráter transnacional. Argumentamos que tal conceito apresenta um tipo de instrumentalidade analítica compatível com processos, situações e relações sociais descontínuas/descentradas da grande narrativa da modernidade (Hall, 2003, p. 31).

Nossos interesses de pesquisa no campo dos Estudos de Hip Hop e dos Estudos da Diáspora Africana implicam tentativas de ruptura com o modelo do Estado-nação e o recurso a unidades de identificação transnacionais, sobretudo relacionadas às “comunidades imaginadas” (Anderson, 2008, p. 71). Um exemplo notório destas novas formas de articulação de agência criativa³ através das fronteiras nacionais envolve os Mestres de Cerimônia (MCs), isto é, sujeitos dedicados a performances de improvisação rimada, cujo trabalho artístico, inserido no leque das

² O artigo em questão resulta das atividades de pesquisa desenvolvidas no curso de doutorado em Sociologia desenvolvido pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos.

³ Entendemos que o conceito de *agência criativa negra* se refere às formas dinâmicas de ação e mobilização cultural, política e intelectual dos sujeitos e grupos da diáspora africana, construídas coletivamente e articuladas globalmente com vistas à gestão de práticas e políticas de valorização da vida negra, preservação da memória negra, celebração das diferenças culturais e construção de hegemonias (Silvério, 2022, passim).

práticas culturais do Hip Hop, vem passando por um intenso processo de profissionalização, ancorado nas inovações técnicas e estéticas surgidas nas ligas e campeonatos do circuito transnacional de batalhas de rima na América Latina.

Para discutir a operacionalidade da experiência como categoria analítica, este texto será organizado em três momentos: primeiramente, apresentaremos os elementos fundamentais de nossa pesquisa em curso, apontando a relação da cultura Hip Hop com a Diáspora Africana, seu surgimento nos Estados Unidos, sua recepção no Brasil e seu desdobramento no circuito de batalhas de rima. Em segundo lugar, discutiremos, a partir de Edward Thompson (1981), as origens do termo experiência, tomando como base o Marxismo britânico, para, então, sinalizar algumas das operações de ressignificação e reposicionamento que Stuart Hall (2003, 2016) faz da categoria no contexto dos Estudos Culturais e dos Estudos da Diáspora Africana.

E, por último, rumando para a discussão teórica dos Estudos Pós-Coloniais, apontaremos algumas das propriedades metodológicas da categoria experiência a partir da discussão de Avtar Brah (2006) sobre diferença e da perspectiva de Veena Das (2011) sobre subjetividade e agência. Nossa intuito é demonstrar alguns dos principais modos de instrumentalização da experiência, evidenciando seu papel decisivo em estudos sociológicos voltados a contextos transnacionais.

O estudo de formas transnacionais de articulação de agência no contexto das práticas e representações culturais afrodiáspóricas aponta para a centralidade da categoria experiência, pois a mesma nos permite acessar dados sobre as relações de diferença que medeiam os modos de vida e as visões de mundo dos sujeitos e grupos sociais; desse modo, análises mais precisas e adequadas das formações culturais transnacionais, tais como da cultura Hip Hop, podem ser realizadas. A despeito das críticas constantes ao aspecto abstrato do termo experiência e à sua suposta generalidade e falta de aderência na realidade social, argumentamos que a experiência é fundamental para compreendermos a complexidade das redes transnacionais de cooperação e dos modos de articulação de agência percebidos no âmbito global da cultura Hip Hop.

Da cultura Hip Hop às batalhas de rima: experiências transnacionais

O Hip Hop, enquanto movimento cultural e político, pode ser compreendido sociologicamente como uma manifestação urbana juvenil da diáspora africana, composta por modos de vida, estratégias de ação e redes de sociabilidade próprias (Santos, 2019, *passim*). Surge como forma de crítica cultural às falhas e excessos do Estado nacional, ao mesmo tempo que se insere como sistema simbólico global, originado das dinâmicas culturais do Atlântico negro (Gilroy, 2012).

Seus fluxos culturais, marcados por trocas globais, produzem e compartilham saberes coletivos, mobilizando jovens negros periféricos em dimensões éticas e estéticas (Oliveira, 2015, p. 523). Atualmente, seus agentes – MCs, DJs, B.boys, grafiteiros, educadores e pesquisadores – lutam por reconhecimento e preservação da cultura, destacando sua trajetória e seu poder transformador. Para compreendê-la como objeto analítico, é fundamental revisar brevemente sua história: do surgimento nos EUA nos anos 1970, passando pela recepção no Brasil nos anos 1980, até a consolidação das batalhas de rima nos anos 1990.

A cultura Hip Hop teve origem em 11 de agosto de 1973, no South Bronx, em Nova Iorque, durante a primeira *block party* com *sound systems*, organizada por Cindy Campbell e Kool Herc. A festa *Back to School Jam* celebrou o fim do verão antes do início das aulas e marcou simbolicamente o nascimento do movimento. Ainda em 1973, Afrika Bambaataa criou a Zulu Nation, primeira posse a promover o Hip Hop como cultura e forma de “consciência coletiva” (Iglesias; Harris, 2022, p. 126), voltada à valorização da juventude negra e suas rotas de experiência. Essas trajetórias assumem um caráter político e de resistência às desigualdades e violências cotidianas, intensificadas no contexto “pós-industrial” do South Bronx (Rose, 2021, p. 21).

No Brasil, os primeiros sinais do Hip Hop surgiram com músicas esteticamente próximas ao Rap, como o “Melô do Tagarela” (Macedo, 2016, p. 25), e com a dança “onda break”, que se destacou entre jovens negros das periferias de São Paulo (Macedo, 2016, p. 27). Grupos como o Funk Cia contribuíram para a formação das primeiras posses, como o Sindicato Negro (Macedo, 2016, p. 30). A atuação do Movimento Negro Unificado (MNU) e do Geledés em espaços culturais, somada à presença das posses e equipes de som dos bailes black, resultou na criação do Movimento Hip Hop Organizado (MH2O) em 1989, voltado à organização da juventude periférica (Félix, 2005, p. 161).

Com a popularização do Hip Hop como “cultura de rua”, o Rap ganhou centralidade, e as periferias tornaram-se o novo polo de sua produção. Nesses territórios, as posses assumiram o papel de organizar o Hip Hop como ferramenta de resistência vinculada à arte, lazer e educação. Com a ascensão de grupos como os Racionais MCs (Racionais, 2018, p. 11), a identidade do movimento se alinhou a discursos críticos sobre violência, racismo e desigualdades sociais, em sintonia com grupos de Rap politicamente engajados como N.W.A. (*Niggaz Wit Attitudes*) e Public Enemy.

Avançando, salientamos neste período a relevância do circuito de batalhas de rima, que se tornou um dos pilares da cultura Hip Hop no Brasil e na América Latina, articulando relações afrodispóricas por meio do improviso rimado. Essas batalhas, protagonizadas por Mestres de Cerimônia (MCs), misturam confronto poético e performance social, ancorando-se em tradições como a Embolada, o Repente, o Jongo e a Umbigada, além de jogos verbais como o The Dozens e o Toasting (Rose, 2021, p. 193).

O *freestyle*, ou improviso, consiste na criação espontânea de rimas com ritmo. As primeiras batalhas brasileiras surgiram nos anos 1990, no Rio de Janeiro, durante bailes black com “rodas de improviso”, como a festa Zoeira, que deu origem à Batalha do Real, em 1999. Com sua expansão para São Paulo nos anos 2000, o improviso passou a ser chamado de *funk falado* ou *tagarela*, em referência à força da linguagem poética. Ao ocupar praças e estações de metrô, as batalhas se desvincularam dos bailes e espalharam-se pelo país. Atualmente, há cerca de 200 batalhas semanais apenas no Circuito Paulista de Batalhas de MCs.

Em escala transnacional, as batalhas de rima são elementos centrais da articulação política do Hip Hop, pois constituem a base material onde experiências coletivas e críticas sociais da juventude periférica são produzidas. Competições como o *Red Bull FrancaMente* – também chamado *Red Bull Batalla* – e o *Freestyle Master Series*, criado na Espanha, conectam comunidades culturais atreladas ao Hip Hop na América Latina, na Europa e no mundo hispanófono-lusófono. No contexto de nossos trabalhos de campo, esses campeonatos são o principal *locus* investigativo para compreender as vivências dos MCs em espaços internacionais.

Partindo desta breve introdução, avançamos para a discussão do conceito de “experiência”, com base em Edward Thompson (1981) e Stuart Hall (2003), destacando os embates teóricos e a força analítica do termo. Não obstante o estágio inicial da pesquisa, acreditamos que os dados exploratórios obtidos poderão contribuir para integrar a análise da experiência ao circuito transnacional das batalhas de rima na América Latina, evidenciando as conexões criativas e os projetos de emancipação e reconhecimento promovidos pela cultura Hip Hop.

Experiência: do Marxismo britânico aos Estudos Culturais

A experiência enquanto uma “categoria de junção” ou “termo ausente” (Thompson, 1981, p. 182) possui grande capacidade explicativa sobre as relações históricas, situacionais e culturalmente mediadas que os sujeitos estabelecem com necessidades e interesses objetivos. A teorização que Edward Thompson (1981) faz da categoria experiência pode ser situada em um contexto mais amplo, referente ao Marxismo ocidental (Anderson, 1976, p. 27). Tal tradição intelectual remonta ao desenvolvimento histórico das teorias marxistas, que passam pela sistematização do materialismo histórico, avançam para um estreitamento da teoria com a atuação política de ênfase soviética e culminam, em um revés, na potência de teorias críticas cujo agrupamento se tornou conhecido como Marxismo ocidental – a despeito da heterogeneidade interna desse grupo de perspectivas.

A herança da segunda geração marxista, influenciada por um contexto de ebullição política, industrialização, urbanização, desenvolvimento tecnológico e incorporação de contribuições interdisciplinares, foi codificada por autores que propunham perspectivas teóricas heterogêneas, mas, em geral, distanciadas da esfera da atuação política. Neste contexto, o trabalho de Thompson (1981), marcado por preocupações com a dimensão da cultura, se opõe ao de Louis Althusser (1985), autor francês de orientação estruturalista.

Podemos dizer que o conceito de experiência reflete e condensa as críticas realizadas por Thompson, em “Miséria da Teoria” (1981), à obra “Ideologia e os aparelhos ideológicos de Estado” (1970), de Althusser. Influenciado pelo crescimento da New Left e sua infiltração no Marxismo britânico, Thompson se opunha à separação entre teoria e atuação política, ideia que Althusser adotara com vistas à reposição estrutural do economicismo marxista.

Partindo do pressuposto de que a cultura não é mero reflexo estrutural, Thompson recorre à herança de dois grupos de conceitos em Marx – por um lado, à discussão sobre alienação, fetichismo/reificação, e, por outro, à questão da natureza histórica do homem (Thompson, 1981, p. 183) – para reavaliar os limites de uma concepção processual e não teleológica de história, em busca de um enquadramento analítico no qual manifestações de agência são articuladas com a dimensão estrutural, dentre outros, através do conceito de experiência.

Para Thompson, a obsessão de Althusser em tornar o marxismo científico aproximaria sua perspectiva estruturalista de um funcionalismo abstrato, justamente devido à redução de aspectos cientificamente inapreensíveis da experiência, tomada então como conjunto de afetos e valores morais, a serem levados em conta em qualquer tentativa de explicar a sociedade para além de determinações econômicas.

Aproximando sua conceitualização de uma confrontação empírica, Thompson permite que a dimensão teórica dialogue com o mundo vivido e com as motivações emocionais e valorativas dos sujeitos.

Através de sua “apologia empírica”, o autor abre mão da tentativa de cientificização da história, reconhecendo tanto a natureza efêmera e provisória de toda teoria quanto a primazia da necessidade de reinserção do sujeito na história por meio da experiência – devido à sua capacidade de transmutação analítica das estruturas sociais em processos vividos pelos sujeitos (Thompson, 1981, p. 186; 188).

Além de suas oposições críticas e disputas teóricas, as parcerias de Thompson dentro do Marxismo britânico junto a intelectuais como Raymond Williams e Richard Hoggart lhe permitiram rediscutir a compreensão histórica e dialética do processo de construção de classe, com ênfase nas assimetrias do processo histórico, constantemente em choque com concepções e intenções dos sujeitos. Os paralelos conceituais entre a experiência tomada como sentimento em Thompson (1981, p. 189) e a noção de “estruturas de sentimento”, presente em Williams (2005, p. 220), evidenciam as homologias internas ao Marxismo britânico.

Talvez um dos elementos comuns entre as obras desses dois autores, sintetizados por Thompson, seja a convergência de suas preocupações teóricas com a dimensão da cultura, entendida como um espaço de articulação do modo de produção com o processo histórico (Thompson, 1981, p. 188). Em outras palavras, a dimensão da cultura move a experiência, por isso deve ser levada em consideração na tentativa de elaborar uma genealogia do materialismo histórico.

Nesse contexto, a experiência social se relaciona diretamente com os modos de vida dos sujeitos, em um entrecruzamento das condições objetivas da realidade social com códigos morais, afetivos e valorativos; assim, a dimensão estrutural da análise sociológica passa a ser entendida como um processo, dotado de estabilidade relativa, porém em contínua mudança. A dimensão valorativa é tomada como necessariamente coletiva, devido ao compartilhamento de códigos e princípios; entretanto, a mesma também atua como fonte produtora de conflitos, contradições e disputas de interesse, pois os valores vividos não são abstratos ou meramente simbólicos, estando atrelados às diferentes rationalidades por trás de seus códigos valorativos (Thompson, 1981, p. 194).

O valor conceitual da experiência para a análise sociológica de relações, situações e processos sociais transnacionais está em sua abertura histórica e cultural à instabilidade das formas de organização, mobilização e identificação adotadas por sujeitos e grupos, uma perspectiva cuja interpretação, necessariamente contextual, busca intervir contra as tentativas de subordinação da imaginação a um “realismo político” pretensamente isento de valores (Thompson, 1981, p. 196).

A partir da reapropriação, deslocamento e ressignificação do conceito de experiência pela tradição dos Estudos Culturais britânicos – em um contexto político marcado justamente pela intensa imigração, por disputas entre visões de mundo e trocas culturais transnacionais – temos o surgimento de novas articulações conceituais, marcadas pela preocupação diaspórica com modos de vida cindidos e fragmentados entre formações sociais globalmente dispersas e politicamente insurgentes (Hall, 2016, p. 20). Dentro da obra de Stuart Hall (2003, 2016), o conceito de experiência aparece, quase sempre, em articulação com, no mínimo, outros três termos-chave: identificação, diáspora e representação (Hall, 2003, p. 46).

As experiências são entendidas como um meio vernacular para a criação de laços e lutas, em que a articulação de semelhanças e diferenças entre os sujeitos oferece unidades transitórias de sentido, a partir das quais identidades estrategicamente instáveis se formam, estabelecendo redes diáspóricas de colaboração e solidariedade. Para salientar as principais articulações que Stuart Hall faz do conceito de experiência, passaremos brevemente pelas discussões do autor, sinalizando como a experiência constrói processos de identificação, qual o papel das identidades transitórias nas formações culturais da diáspora africana e quais estratégias de representação têm sido usadas pelos sujeitos para contestar os regimes hegemônicos.

Em “New Ethnicities” (1989), Hall elabora uma caracterização histórica das diferentes fases da política cultural negra no Reino Unido, em que, no primeiro momento, a experiência de racialização e marginalização comum a diferentes grupos sociais funcionou como um tipo de enquadramento unificador, situado estrategicamente contra as identidades étnicas de perfil hegemônico (Hall, 1989, p. 223). Em um segundo momento, Hall aponta que as estratégias de identificação no interior da política cultural negra foram deslocadas pelo antiessencialismo, levando a uma aberta dos modos de identificação às diferenças, isto é, o uso político do termo “negro” passa a ser articulado com base nas homologias de experiência entre os sujeitos, e os modos de exercício de agência tornam-se “posicionais, condicionais e conjunturais” (Hall, 1989, p. 226).

No contexto das práticas culturais afrodiáspóricas – dentre as quais destacamos as batalhas de rima – os sujeitos passam a depender cada vez mais de modos de identificação que fluem entre fronteiras nacionais, seja para o compartilhamento de saberes, arrecadação de recursos ou a recriação estética das próprias políticas culturais. Para tanto, as homologias de sentido entre diversos projetos de agência e visões de mundo diferentes são mediadas pelas experiências dos sujeitos – e, devemos ressaltar, as diferenças entre tais experiências são tão ou mais importantes para a criação de redes de colaboração quanto as semelhanças, pois tais diferenças sinalizam o local particular de onde os sujeitos falam, um local com especificidade, capaz de estabelecer bases culturais para o fortalecimento de vínculos de solidariedade.

Os processos de identificação cultural são ancorados nas experiências dos sujeitos por uma vinculação prática com seu exercício de agência, pois manifestações coletivas da mesma possuem significados políticos, os quais remetem a formações sociais amplas e descentradas, tais como a diáspora africana (Hall, 2003). Se, como queria Edward Thompson (1981), é a cultura que move a experiência, nesse caso a cultura aparece como um espaço de disputas e de resistências, em que sujeitos colocam identidades e subjetividades à prova, reconstruindo-as continuamente nas relações contraditórias que estruturam as formações sociais (Hall, 2016, p. 181).

A diáspora africana enquanto processo histórico, condição social e espaço geopolítico (Zeleza, 2005, p. 579) é um resultado das estratégias de identificação cultural dos sujeitos afrodiáspóricos, de modo que o descentramento – tanto de grandes narrativas da modernidade quanto de modelos estáveis de sujeito e conhecimento – implicado na perspectiva diáspórica torna-se um movimento de crítica constitutivo também no nível da experiência dos sujeitos. O descentramento afrodiáspórico é perceptível na forma rizomática de suas redes de colaboração (Gilroy, 2012, p. 43) e nos vernáculos culturais articulados pelos sujeitos criativamente e em diferentes contextos.

Por fim, os modos de identificação dos sujeitos com a diáspora africana apresentam a particularidade de um horizonte político de agência ampliado, que aproxima a esfera política dos regimes de representação (Hall, 1989, p. 224), deslocando o modo dos sujeitos fazerem política em direção a princípios éticos e a estratégias estéticas alternativas, orientadas por uma preocupação maior com a produção cultural de significados. Segundo Stuart Hall (1989), as mudanças contemporâneas na política cultural negra tornaram as disputas por reconhecimento e legitimidade em disputas por posicionalidade, ou seja, as práticas de significação embutidas no exercício de agência dos sujeitos permeiam suas tomadas de posição cultural, refletindo os valores e afetos contidos em suas experiências.

A relação entre representações e experiências é associada justamente ao potencial metodológico do conceito de experiência, no sentido de que o estudo de relações, situações e processos sociais através da dimensão da experiência opera um realinhamento do conhecimento sociológico com a realidade empírica vivida pelos sujeitos, privilegiando a autorrepresentação dos mesmos. Em nosso campo de pesquisa, são as experiências sociais dos MCs que orientam suas performances poéticas, seu trabalho artístico, seus modos de sociabilidade, suas práticas culturais e suas identidades profissionais – de modo que nosso modelo teórico-metodológico também deve ser orientado através da interpretação e compreensão dos significados das mesmas.

Nesta seção, discutimos aspectos do conceito de experiência a partir do Marxismo britânico e dos Estudos Culturais, enfatizando seu potencial teórico-metodológico para a análise de formações sociais transnacionais. A seguir, avançamos na discussão sobre a categoria experiência, evidenciando brevemente os usos do conceito nos Estudos Pós-Coloniais, sobretudo a partir de Avtar Brah (2006, 2022) e Veena Das (2011).

Experiência: dos Estudos Pós-Coloniais de volta aos Estudos de Hip Hop

Os debates do feminismo pós-colonial apresentam contribuições valiosas para pensar a experiência, como categoria analítica, evidenciando sua potencial instrumentalidade teórica e metodológica, mas também como o elo transversal de uma cadeia política de estratégias de solidariedade, dotada de alcance transnacional e atrelada a identidades móveis, atravessadas e constituídas pela diferença (Brah, 2006, p. 359). Partindo da abordagem construtivista de Avtar Brah (2006, 2022), a diferença é entendida, não como marcador hierárquico das formas de opressão, mas como uma perspectiva político-epistemológica, um projeto de conhecimento híbrido e antiessencialista, que pensa a agência como ação relacional que tensiona múltiplas posições sociais em disputa.

Podemos dizer que a diferença borra as identidades, descentra as subjetividades, articula as relações sociais e encadeia as experiências dos sujeitos a partir de suas “especificidades contingentes”, isto é, dos aspectos políticos de suas trajetórias (Brah, 2006, p. 362). Já a experiência é entendida por Brah como “o lugar da formação do sujeito”, “um lugar de contestação”, ou ainda “um processo de significação que é a condição mesma para a construção daquilo que chamamos de realidade” (Brah, 2006, p. 360).

Tal compreensão acerca do conceito de experiência nos permite repensar a questão da agência, tendo por base a articulação de “modalidades de múltipla localidade, continuamente marcadas por práticas culturais e políticas cotidianas” (Brah, 2006, p. 361). Desse modo, as experiências dos sujeitos interconectam histórias coletivas e biografias individuais, atribuindo sentido a suas relações, identidades e subjetividades.

Além de tal discussão lançar luz sobre as áreas cinzentas da análise sociológica – como nos processos de identificação e subjetivação –, a instrumentalidade metodológica do conceito de experiência reaparece aqui como uma unidade de sentido etnográfico possível em estudos de processos, situações e relações transnacionais, tendo em vista que sua amplitude contempla práticas de significação desde os discursos até o imaginário (Brah, 2022, p. 148). Ademais, o prisma interseccional utilizado pela autora nos permite integrar experiências de vida marginalizadas desde múltiplos eixos de diferenciação dentro de um modelo analítico sensível, aberto e situado.

Um outro aspecto interessante da visão de Brah (2006) sobre o conceito de experiência é a irreduzibilidade dos modos de vida dos sujeitos, seja na esfera cotidiana e/ou pessoal, seja na dimensão coletiva. A negação das tentativas de essencialização da experiência está apoiada na capacidade de autoinscrição e autoatribuição dos sujeitos (Collins, 2016, p. 102), pois tanto os significados que o sujeito adquire em relações socioeconômicas e culturais quanto os significados que ele atribui a tais relações na vida cotidiana tornam a experiência irreduzível (Brah, 2006, p. 362), isto é, opaca, densa e, em certo sentido, inefável.

Ainda assim, são os significados políticos da experiência que nos permitem pensar articulações mais complexas de agência, a exemplo da diáspora africana, cujas formações culturais transnacionais são tomadas por Brah, metodologicamente, como um conjunto de tecnologias investigativas (Brah, 2022, p. 110), capazes de historicizar trajetórias coletivas. Nesse sentido, o uso analítico do conceito de experiência em estudos transnacionais torna-se um dos pontos de passagem fundamentais dentro dos Estudos da Diáspora Africana e Estudos de Hip Hop, considerando a complexidade dos modos de vida praticados pelos sujeitos afrodiáspóricos, em um esquema polivalente de posicionalidade múltipla global, orientado por visões de mundo híbridas e vernaculares.

O campo dos Estudos de Hip Hop tem absorvido contribuições teórico-metodológicas advindas dos Estudos Pós-Coloniais, e isso inclui a ênfase analítica sobre as experiências dos sujeitos, presente na chamada *hip hopografia* (Harris, 2019, p. 28) – nome que designa uma abordagem metodológica “êmica” desenvolvida por hip hoppers e pesquisadores, voltada, por meio de técnicas e métodos de profundidade, à compreensão e ao reconhecimento das formas de autoexpressão dos hip hoppers, de modo a caracterizar quem são, como se tornaram quem são e o que fazem no processo de tornar-se (Harris, 2019, p. 36).

Neste contexto de pesquisa, os dados de experiência dos sujeitos, isto é, dos MCs, derivam da apreensão sociológica de suas mitologias, gestos paralingüísticos, imaginações e estratégias narrativas articuladas ao longo de processos de identificação (Harris, 2019, p. 39). Partindo da necessidade de estabelecer relações significativas junto a sujeitos inseridos no contexto social em estudo, argumentamos que a hip hopografia constitui uma das abordagens metodológicas contemporâneas valiosas e propícias à análise sociológica de processos, situações e relações transnacionais – e,

dentre as razões para a adequação e suficiência metodológica deste abordagem, apontamos justamente a importância da ênfase analítica concedida às experiências dos sujeitos e seus significados.

A inclusão enfática da categoria experiência na análise sociológica possui impactos e consequências, como a deformação das expectativas epistemológicas do campo e uma quebra de modelos – de sujeito, de poder, de conhecimento, de sociedade – em vista da visceralidade dos significados da experiência dos sujeitos, que revelam o aspecto político, intrínseco não apenas a essas experiências, mas também aos estudos realizados em torno das mesmas. Esses “choques de forma” ocorridos no projeto de conhecimento sociológico afetam até mesmo a textualidade desses novos estudos mediados por prismas alternativos, pois, através da experiência como unidade de sentido, tal projeto se realinha com os modos de vida dos sujeitos, aproximando os horizontes de expectativa da Sociologia de representações situadas na realidade social.

Outra autora dos Estudos Pós-Coloniais em cujo trabalho identificamos contribuições para a discussão teórico-metodológica do conceito de experiência, com vistas à incrementação analítica de estudos sociológicos de abordagem transnacional, é Veena Das (2011, p. 11), tendo em vista seus esforços de caracterização do local da experiência para a elaboração de estratégias de agência e resistência.

A visceralidade dos significados das experiências dos sujeitos aparece em sua perspectiva como um dispositivo metodológico antiessencialista, que remete tanto à irreduzibilidade analítica da experiência (Brah, 2006, p. 362) quanto ao distanciamento estratégico da tendência à abstração teórica em nome da “apologia empírica” (Thompson, 1981, p. 186). Nesse contexto, a historicização dos modos de vida dos sujeitos constitui uma estratégia política, em que a problematização das experiências sociais por trás das grandes narrativas e modelos teóricos viabiliza a contestação de perspectivas epistêmicas hegemônicas, desmistificando o processo de universalização de saberes provincianos.

Argumentamos, partindo de Das (2011), que a opção pelo conceito de experiência leva a uma abertura metodológica à multiplicidade interpretativa, pois, se os modelos de sujeito em jogo são abertos e descentrados, os modos de vida dos mesmos e seus significados devem ser compreendidos de forma semelhante. A incorporação de ambivalências hermenêuticas dentro das perspectivas críticas insurgentes, tais como dos Estudos Pós-Coloniais, está associada ao entendimento de que o conhecimento histórico atua como instrumento de produção de saberes através das diferenças; isto é, a partir da valorização teórica das percepções dos sujeitos sobre o processo de construção de suas próprias experiências, acessamos significados sociológicos que extrapolam a relação entre história e trajetória, mas seu potencial elucidativo depende da reintrodução dos sujeitos nos processos de produção de conhecimento (Das, 2011, p. 17).

As particularidades da visão dos sujeitos sinalizam as medidas e posições de cada movimento de negociação efetuado junto às grandes narrativas e, ao mesmo tempo, chamam atenção para os subtextos culturais em que sua agência se apoia para criar estratégias de resistência e construir novos espaços relacionais (Das, 2011, p. 36).

A experiência é, portanto, um modo de falar sobre acontecimentos sem se distanciar, e, aqui, sua instrumentalização como procedimento metodológico será estrategicamente aberta, a fim de reconhecer a transitoriedade e incompletude de seus

significados – dito de outra forma, a experiência é sempre já interpretada, permanecendo, no entanto, carente de interpretação. A abordagem de Das (2011) baliza a experiência dos sujeitos por meio de estudos de trajetória, e sua articulação analítica enquanto dado sociológico apresenta uma orientação teórica indutiva, que procura compreender a dimensão geral de um problema a partir de elementos particulares.

O foco da autora na análise de processos de articulação de agência em contextos de violência, de privação e de destruição possui caráter político, derivado do sentido atribuído à sua própria experiência de tornar-se sujeito (Das, 2011, p. 12), de modo que o “ato de testemunhar” pode se estender, nos processos de pesquisa com esta abordagem, dos interlocutores até os próprios autores, criando uma relação significativa cuja unidade de sentido é a experiência.

A partir desse arcabouço analítico, devemos nos questionar: como os sujeitos atribuem outros significados a tais contextos de conflito? A resposta novamente se encontra no teor das experiências dos sujeitos, no sentido de que seu acompanhamento e análise produz um olhar sociológico alternativo, uma perspectiva ocular apoiada em caminhadas pedestres por dentro da história política e cultural (Knowles, 2014, p. 35).

Os princípios teórico-metodológicos que elencamos nesta seção estão alinhados com o projeto pós-colonial de conhecimento, mas também contemplam abordagens mais específicas presentes em estudos sociológicos voltados a contextos transnacionais – sobretudo, nos Estudos da Diáspora Africana e nos Estudos de Hip Hop. Seguindo os passos de Das (2011), Brah (2006) e Hall (2003), pretendemos, em nosso campo de pesquisa, investigar consequências subjetivas de processos de dominação, observar as formas de resistência dos sujeitos e suas ambivalências no jogo das diferenças (Bhabha, 2010, p. 177; Hall, 2003, p. 65), compreendendo as contradições das relações através de um mergulho nas estratégias estéticas e discursivas para manifestação de agência, bem como nas críticas operadas por dentro das representações e na polissemia das práticas de hibridação.

Considerações finais

No decorrer deste trabalho procuramos identificar e caracterizar algumas contribuições de autores do Marxismo britânico, dos Estudos Culturais e dos Estudos Pós-Coloniais para o desenvolvimento histórico da discussão teórico-metodológica sobre o conceito de experiência, com vistas à sofisticação do enquadramento analítico de estudos sociológicos transnacionais. A experiência pode ser entendida como a unidade de sentido dos modos de vida dos sujeitos, um espaço de contestação no qual os sujeitos se formam, ou mesmo uma precondição para a reprodução da realidade social.

A partir da ênfase analítica nas experiências sociais, o projeto de conhecimento da Sociologia passa por descentramentos, que salientam a relação política da disciplina e dos intelectuais com seus interlocutores de pesquisa, em um processo dialógico de produção de conhecimento. Desse modo, argumentamos que o reconhecimento metodológico da categoria experiência constitui um momento fundamental de crítica epistemológica e uma intervenção política em favor dos sujeitos e saberes historicamente menosprezados no escopo acadêmico da análise sociológica.

Em um primeiro momento, apontamos os elementos fundamentais da discussão sobre cultura Hip Hop na Sociologia, indicando a formação de um campo de investigação dedicado aos Estudos de Hip Hop. Discutimos aspectos do surgimento e

da consolidação histórica desta cultura, apontando o circuito de batalhas de rima enquanto expressão contemporânea de novas formas transnacionais de articulação de agência, vinculadas a formações culturais da diáspora africana.

Para situar questionamentos teórico-metodológicos fundamentais em torno de nosso objeto, passamos por Edward Thompson (1981), com sua discussão sobre categorias de junção no Marxismo ocidental, sua apologia empírica do termo experiência e sua disputa teórica com Louis Althusser (1985); passamos por Stuart Hall (2003, 2016) e o descentramento conceitual da experiência, em articulação prática com outros debates transnacionais sobre identificação, diáspora e representação; passamos por Avtar Brah (2006, 2022), com o tensionamento de viés antiessencialista entre o feminismo e o pós-colonialismo e a instrumentalização metodológica do conceito de diferença; e passamos por Veena Das (2011), da multiplicidade interpretativa às especificidades contingentes, das articulações de agência às estratégias de resistência – assim contemplando algumas das perspectivas teóricas mais relevantes no debate sobre experiência.

Nossas investigações no campo dos Estudos de Hip Hop, acerca da profissionalização de MCs no circuito transnacional de batalhas de rima, são significativamente beneficiadas por meio da instrumentalidade das contribuições dos autores supracitados, destacando a aderência metodológica do conceito de experiência em investigações de processos, situações e relações transnacionais associados à diáspora africana, em geral, e à cultura Hip Hop e às batalhas de rima, em particular.

As identidades coletivas dos MCs são encadeadas pelas homologias de experiência que os vinculam à diáspora africana, por meio dos significados étnicos e políticos contidos nas práticas culturais do Hip Hop, mas também dentro das performances poéticas. A diáspora, ao invés de ser considerada um núcleo cultural de enraizamento destas identidades, aparece aqui como a própria lógica rizomática da identificação cultural (Gilroy, 2012, p. 45), comum nas formas de organização e mobilização social tanto do Hip Hop em geral quanto do circuito transnacional de batalhas de rima na América Latina.

Retomando um dos questionamentos de Veena Das (2011), argumentamos que a força encontrada pelos MCs para atribuir outros significados aos contextos de violência, privação e destruição advém dos significados de sua experiência, os quais aparecem constantemente na improvisação, na retórica e nas estruturas de sentimento expressas pelos sujeitos durante suas performances. A interposição de problemas pessoais e dilemas afetivos, o conflito de interesses que surge entre o sujeito e a coletividade, a contradição entre reconhecimento e redistribuição, problemas de autodefinição e autoestima em decorrência do acesso a outros espaços sociais, as disputas em torno de diferenças socioeconômicas, raciais e de gênero, o descentramento do circuito de batalhas de rima no eixo sudestino e a sofisticação ética e estética de outros setores do circuito são alguns exemplos dos modos como as experiências dos sujeitos permeiam suas performances, contribuindo para reproduzir as práticas culturais do Hip Hop e as estratégias de sobrevivência dos MCs.

O estágio precoce dos trabalhos de campo na pesquisa em questão impede o aprofundamento e expansão destas discussões por enquanto, porém os parâmetros teóricos obtidos com exercícios de articulação analítica propostos e realizados neste trabalho contribuem para regular as expectativas empíricas da pesquisa e incrementar nossa abordagem metodológica com vistas à otimização dos dados de experiência dos sujeitos.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. São Paulo: Editorial Presença/Martins Fontes, 1985.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o Marxismo ocidental*. Porto: New Left Books, 1976.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- BRAH, Avtar. *Decolonial imaginings: intersectional conversations and contestations*. London: Goldsmith Press, 2022.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 26, n. 1, p. 329-376, jan./jun. 2006.
- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016.
- DAS, Veena. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 37, n. 1, p. 9-41, jul./dez. 2011.
- FÉLIX, João Batista de Jesus. *Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano*. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- HALL, Stuart. *Cultural Studies 1983: A theoretical history*. Durham: Duke University Press, 2016.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. *New Ethnicities*. In: NWONKA, Clive; SAHA, Anamik. *Black Film, British Cinema*. London: Institute of Contemporary Arts, 1989. p. 223-227. (ICA Documents, 7).
- HARRIS, Travis. Can it be bigger than hip hop?: from global hip hop studies to hip hop. *Journal of Hip Hop Studies*, Richmond, v. 6, n. 2, p. 17-70, 2019.
- IGLESIAS, Tasha; HARRIS, Travis. It's "Hip Hop," Not "hip-hop". *Journal of Hip Hop Studies*, Richmond, v. 9, n. 1, p. 124-128, 2022.
- KNOWLES, Caroline. *Flip-Flop: a journey through globalization's backroads*. London: Pluto Press, 2014.
- MACEDO, Márcio. Hip-Hop SP: transformações entre uma cultura de rua, negra e periférica (1983-2013). In: KOWÁRICK, Lúcio (org.). *Pluralidade urbana em São Paulo: vulnerabilidade, marginalidade, ativismos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 23-53.
- OLIVEIRA, Acauam Silvério de. *O fim da canção? Racionais MCs como efeito colateral do sistema cancional brasileiro*. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- RACIONAIS. *Sobrevivendo no Inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ROSE, Tricia. *Barulho de Preto: rap e cultura negra nos Estados Unidos contemporâneos*. São Paulo: Perspectiva, 2021.
- SANTOS, Jaqueline Lima. *Imaginando uma Angola pós-colonial*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.
- SILVÉRIO, Valter. *Agência criativa negra: rejeições articuladas e reconfigurações do racismo*. São Paulo: Intermeios, 2022.
- THOMPSON, Edward. *A miséria da teoria (ou um planetário de erros)*: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria marxista. *Revista USP*, São Paulo, n. 65, v. 1, p. 210-224, mar./maio 2005.
- ZELEZA, Paul Tiyambe. African Diaspora. In: HOROWITZ, Maryanne Cline (org.). *New dictionary of the history of ideas*. Farmington Hill: Thomson Gale, 2005. p. 578-583.

*Minicurrículo do Autor:

Cairo Henrique dos Santos Lima. Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (2024). Doutorando junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. Pesquisa financiada pela FAPESP (Processo nº 2023/17994-0). E-mail: cairo@estudante.ufscar.br.

Editores de Seção: Hasani Eliotério dos Santos ;
Karina Almeida de Sousa .

Declaração de Disponibilidade de Dados

Nenhum dado de pesquisa gerado ou utilizado.